

A dialética de exclusão: uma leitura pós-colonial de “*A última tragédia*”, de Abdulai Sila

Rodrigo de Moraes Freitas¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar o romance pós-colonial *A Última Tragédia*, de 1995, do guineense Abdulai Sila. Para observar as facetas do colonialismo na Guiné-Bissau, recorreremos a uma pesquisa bibliográfica e de análise crítica, tendo como referencial teórico pensadores dos campos das literaturas africanas e estudos pós-coloniais. O estudo tem como fio condutor a análise literária guineense entrelaçada com o contexto sócio-histórico do país e tomaremos por base as noções de exclusão e o conceito de dialética. Essa exclusão, marcada pela violência aos colonizados, envolve uma relação dialética cujo resultado é sempre negativo. Os polos da dialética no contexto colonial se configuram como a opressão do colonizador, a resistência do colonizado, e tem como síntese a desordem colonial. O estudo conclui que essa narrativa ficcional revelando os fatos coloniais mostram que ainda na contemporaneidade persistem os resquícios do imperialismo da cultura europeia hegemônica.

Palavras-chave: Literatura guineense; Colonialismo; Dialética; Exclusão.

*O mundo colonizado é um mundo cindido
em dois. A linha divisória, a fronteira, é*

¹ Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab, em Redenção, Ceará. E-mail: rfreitas1928@hotmail.com

indicada pelos quartéis e delegacias de polícia.

(Frantz Fanon, 1968)

1- Introdução

O presente trabalho se atenta à análise crítica de *A Última Tragédia*², romance pós-colonial. Publicado em 1995, a narrativa foi escrita por Abdulai Sila, editor e escritor guineense de Literatura Africana de Língua Portuguesa, também foram escritos os romances *Eterna Paixão* (1994) e *Mistida* (1997), compondo, assim, sua trilogia. Sila expandiu suas produções, escrevendo um conto e vários autos, sendo consagrado como pioneiro em escritas guineenses na pós-independência. Um dos traços da sua escrita é a transgressão da língua, uma vez que integra termos do Crioulo de Guiné-Bissau e línguas étnicas com os da Língua Portuguesa, o que, no caso, caracteriza sua marca de resistência à língua crioula de seu país.

De acordo com Moema Augel (2005), a literatura guineense ainda tem pouca difusão devido ao seu tardio nascimento e a sua baixa produção, tanto na historiografia quanto na crítica e na teoria literária, a precária recepção dessas obras dificulta também sua expansão. Esse problema poderia ser uma das consequências da ampliação dos moldes europeus, mesmo após o período colonizador, como sua cultura em seu aspecto mais amplo. Tal fato é exemplo da descolonização dos cinco países africanos (Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau) a partir de mazelas sociais que perduraram com a finalidade de impedir a modernização do Estado guineense. Edward Said, em *Orientalism*, ilustra a perduração do domínio ocidental nas sociedades onde colonizou:

Os ocidentais podem ter saído fisicamente de suas antigas colônias na África e na Ásia, mas as conservaram não apenas como mercados, mas também como pontos no mapa ideológico onde continuaram a exercer domínio moral e intelectual. (SAID, 2003, p. 47)

Para suprir a lacuna da baixa difusão de obras guineenses, é crucial a valorização de sua literatura. Desse modo, se rompe o silenciamento dos valores culturais da nação que em outro momento foi praticado. No entanto, em uma perspectiva histórica e atual, as produções literárias verdadeiramente autônomas exercem a função de expressar e exaltar, pelas vias fictícias, a realidade da nação, enquanto ferramenta política que se integrou às estratégias das lutas de libertação de Guiné-Bissau e de Cabo Verde, lideradas por Amílcar Cabral, em 1956.³ Em suma, é

² O segundo romance de Abdulai Sila foi o primeiro romance guineense a ser publicado no Brasil.

³ A partir de 1956, o país contou com o Partido Africano para a Libertação de Guiné-Bissau e Cabo Verde – PAIGC, liderado, principalmente, por Amílcar Cabral.

afirmado o protagonismo da literatura de resistência na consolidação e na viabilização de um Estado moderno, segundo Buaiga (2015, p. 16).

A ressaltar, durante a emergência da conscientização da modernização da nação, a literatura se manteve a par desse processo, acompanhando ao mesmo tempo que se despreendeu dos modelos europeus, antes e após a independência, marcando sua principal característica: sua escrita verdadeiramente autônoma. É importante não contemplar o pós-colonial apenas como viés de estudos que surge em uma perspectiva cronológica. Em linhas gerais, de acordo com Augel (2005, p. 115), o pós-colonial é um conceito que abarca diversas significações que, porém, aqui, deve ser entendido como a expressão de produções poéticas ou ficcionais e teóricas que espelham e questionam a herança do processo colonialista, que perdurou por centenas de anos. Ferreira (1979, p. 39), ao definir o conceito também, acrescenta aderindo a nomenclatura Literatura Africana de Língua Portuguesa, a exaltação do homem africano como soberano, o mantendo raiz em seu discurso, ao mesmo tempo que concede ao colonizador o seu tratamento adequado.

Historicamente, a era colonial portuguesa no país africano Guiné-Bissau, que se iniciou em 1446 e com final em 1974, foi marcada por séries de repressões, nas quais se firmaram postos hierárquicos que funcionaram em torno de exclusões. Esse lento processo tem como principal binômio o colonizador/colonizado; dois elementos reais da história que estabeleciam uma relação dialética negativa⁴, isto é, no trâmite colonial, protagonizaram relações conflituosas rodeadas de constantes mudanças. De acordo com Augel (2005), as principais ambivalências são colonizador/colonizado, primeiro/terceiro mundo e centro/periferia. A principal ambivalência a ser analisada será colonizador/colonizado, relacionando-se aos princípios da dialética, conceito filosófico que abarca a relação entre duas forças; a tese e antítese, gerando, assim, uma síntese, que, no caso, será sempre negativa, visto que é dessa natureza que são dirigidas as relações coloniais. A maneira que esses binômios se constituem na obra e, nas suas relações com a construção dos personagens e dos postulados teóricos, darão a melhor compreensão dos seus retratos outrora mistificados pelo poder da história, perante os impactos e as consequências do projeto colonizador. A perspectiva dialética do estudo acompanhará a estrutura do artigo em suas seções; a opressão do colonizador atuará como tese, enquanto a antítese será a resistência do colonizado, a partir desse choque, a síntese colonial emerge mostrando seus resultados.

Dada a flexibilidade da literatura com outras áreas do saber, o que caracteriza sua interdisciplinaridade, importa a relação da escrita de *A Última Tragédia* ao conceito de dialética, uma vez que o romance apresenta a exclusão advinda das relações de poder estabelecidas no colonialismo guineense. O conceito de dialética nasceu do filósofo Zênon de Eleia (aprox. 490-430 a.C.), na Grécia Antiga. Em termos de definição, a dialética pareceu polissêmica no decorrer da história. Ela, primeiramente, era considerada a arte do diálogo, depois, “o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.” (KONDER, 1981, p. 7-8).

⁴ No trâmite colonial, se relacionavam duas forças antagônicas; o colonizador e o colonizado. Essa oposição resultava em uma síntese negativa, isto é, um resultado de desordem.

Essas definições, a partir de um estudo aprofundado das relações de exclusão entre o colonizador e o colonizado (e não apenas desse binômio, sendo também cabível o estudo de situações e até mesmo de fronteiras, descritas no parágrafo acima) fazem jus às relações de exclusão a serem analisadas, com base na construção das personagens e de outros elementos da narrativa, os relacionando às ideias de opressão, cultura, identidade e resistência.

2- Da Opressão do Colonizador

O romance de Sila procura trazer à tona a memória dos tempos das invasões ocidentais na capital Bissau, do país Guiné-Bissau, os fatos coloniais decorrentes das desordens existentes entre o negro africano e o branco ocidental, bem como as consequências do jugo colonial. A narrativa apresenta três personagens principais: Ndani, jovem negra nativa de Biombo que, acusada por um *djambakus*⁵ de sua tabanca⁶ de possuir maus espíritos, migra para a capital Bissau em busca de emprego como criada; Bsum Nanki, sábio régulo⁷ que administra a tabanca de Quinhamel e rompe com moldes europeus em seu trabalho, e Professor, negro assimilado que compõe o jogo de tragédias vivenciado pela sua amada Ndani. A personagem Dona Maria Deolinda se constitui como uma das principais presenças colonizadoras, portuguesa que se instala nas terras de Bissau, juntamente com seu companheiro funcionário português Sr. Leitão.

Após o infortúnio de ser excluída de sua tabanca, Ndani, já na capital, ao andar de porta em porta em busca de ajuda, bate no portão de Deolinda em busca de ser sua criada e insiste que a mulher branca a escute. Ndani é agredida, perdendo, assim, sua integridade física e moral, ao ser atingida por jatos de água que eram próprios para regar o jardim da mulher branca:

O jato de água que a apanhou na altura do peito provocou uma reacção inesperada na rapariga que, colada ao portão esperava tudo menos aquela atitude daquela mulher branca, que de repente deixara de fazer o trabalho que estava fazendo, de regar plantas, para regar a ela, que só queria ser criado. (SILA, 2006, p. 23-24).

Dado o primeiro traço de exclusão que ocorreu no romance, exemplo da dependência da negra em situação de subalternidade, que, de qualquer modo, nos espaços colonizados, ser negro livre era sempre sinônimo de dependência. Albert Memmi (2007, p. 45) mostra o panorama da situação colonial como processo de pura violência, no qual o colonizador sempre estará em posição de superioridade, seja em grau alto ou baixo.

O retrato mítico do colonizado poderia também exemplificar as razões pelas quais ele foi submetido pela missão ultramarina portuguesa. Trata-se da estratégia de

⁵ Espécie de curandeiro da tabanca.

⁶ Aldeia, bairro.

⁷ Chefe da tabanca.

retrato-acusação, que significa propor imagens e instituí-las não somente ao colonizado em sua individualidade, mas em sua coletividade: ele é preguiçoso, não um, mas sim todos, seja o colonizado “trabalhador agrícola, o habitante da favela, seja o colonizado médico, professor ou engenheiro.”, “O que é suspeita essa unanimidade da acusação e a globalidade de seu objeto.”.

Segundo Memmi (2007, p. 119), essa caracterização ocupa lugar de destaque na dialética: o enobrecimento do colonizador e o rebaixamento do colonizado. Ora, se o colonizado é preguiçoso, indiretamente, o colonizador é o contrário desse retrato, ele é o sujeito dotado de vigor, se o colonizado é violento, o colonizador é apaziguador:

Como é que é? Dânia? Dânia... mas este é um nome russo, nome comunista. Ave Maria! Vocês arranjam cada uma... com tanto nome bonito português por aí, o teu pai escolhe para ti um nome russo! É assim que começa a insurreição comunista. (SILA, 2006, p. 31).

Em suma, na tentativa de se enaltecer em detrimento dos retratos mistificados do colonizado, o colonizador não apenas realiza uma observação objetiva, e sim institui que o colonizado seja de tal maneira, fazendo dessa representação a essência dele.

Uma das marcas da exclusão consiste no rebaixamento do colonizado ao mesmo tempo que o colonizador se engrandece. É exposto na narrativa, também de uma maneira inversa, no momento que a patriota Dona Maria Deolinda Gonçalves da Silva Leitão compartilha com Ndani o sucesso acadêmico de seus filhos altamente instruídos, prestes a ocuparem os postos de advogados e médicos, tornando mais significativo um “valor superior” de colonizadores e diminuindo o valor da colonizada, no caso: “... tens a mesma idade que o João, o meu filho mais velho. Lembras-te dele, Daniela? Ele agora está na metrópole a concluir o liceu. Ele quer ser advogado, sabias? Advogado... sabes o que é? Que castiga os criminosos...” (Sila, 2006, p. 34). Fazendo jus ao que Fanon (1968, p. 40) afirma que “as relações colono-colonizado são relações de massa. Ao número o colono opõe sua força. O colono é um exibicionista.”.

Enquanto se permanece a vaidade colonizadora, Ndani se encontra subalterna à situação colonial. Com seu novo nome imposto, Daniela, transita sua essência à cultura do branco. Imposta a mudar também suas vestimentas e a frequentar a igreja todas as manhãs, ela vive o processo de rejeição:

Dona Linda não queria mais ver aquelas tranças de indígena. Parece que o Sacristão não gostava de ver na capela raparigas pretas com penteado de preto. Tinha que ser tudo como branco, com bandolete ou totós. (SILA, 2006, p. 45,46).

A negação do outro, acompanhada pelo retrato-acusação, predominava nas relações coloniais, principalmente no que tange a liberdade do colonizado, que, segundo Memmi (2007, p. 123, 124), o colonizado não dispõe de saída para deixar seu estado de infortúnio, ele não é livre para decidir se é colonizado ou não

colonizado. Resta-lhe, nessa calamidade, existir apenas em função das necessidades do colonizador, isto é, se tornar colonizado puro.

O processo de segregação racial no mundo colonial foi uma das principais características da colonização. “O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia.” (Fanon, 1968, p. 28). Essa exclusão recíproca na qual as duas zonas não se conciliam significa a força do imperialismo nas determinadas forças coloniais, com o auxílio da força armada, o que foi dominante no contexto da colônia inglesa e holandesa na África do Sul, de 1948 a 1994, designada, por exemplo, *apartheid*, na qual consistiu em uma das modalidades de segregação. A ambivalência entre os mundos, marcada pela demarcação física e social dos espaços, onde se ocupa pelos colonos e autóctones é designada como centro e periferia, respectivamente. Ora, se o colonizador recusa o colonizado a todo momento, ele se empenhará em desprendê-lo de sua realidade efetuando uma força centrífuga, o colocando em seu devido lugar.

Os fatos coloniais que consistem em fatos históricos e específicos e sobre a situação e o estado do colonizado (Memmi), em volta de Ndani, fazem ela perceber que estava vivendo em um mundo diferente, o mundo do branco. A colonizada, ao se recordar dos ensinamentos de sua madrasta mais nova, confirma: “o mundo dos brancos era na verdade muito diferente!” (Sila, 2006, p. 30), após essa afirmação, ela se aprofundou no seu questionamento sobre a diferença entre o negro e o branco, por fim, confirmou que o que os diferenciava era o seu modo de se relacionar com as pessoas, o seu comportamento, e não suas aquisições. Essa percepção da diferença entre o branco e o negro reforça a ideia de essência. Na relação recíproca, o colonizador e o colonizado se instituem a partir de suas observações, o que os levam às relações de opressão. Nesse novo mundo, as relações coloniais se constituem na base da imposição:

O fundamental é fazer o que o patrão quer, isso ela tinha aprendido à parte, à sua própria custa. Não foi a madrasta que ensinou. O patrão quer uma coisa, o criado faz. O patrão quer que o criado vá dormir cedo, o criado vai para a cama, dormir é outra coisa... (SILA, 2006, p. 44).

Na imposição dada aos colonizados, nada do que partia deles era considerado, como suas vontades, suas opiniões ou seus sentimentos. Desse modo de tratamento, ele era objetificado e animalizado, como diz Dona Maria da Glória, amiga de Dona Linda: “... isto ainda é muito selvagem, feras e cobras por todo o lado. Até faz arrepiar, meu Deus!” (SILA, 2006, p. 57).

Os discursos dos brancos perante a colonização se mascaram pelo mito do bom colonizador, seja o padre que alega o projeto catequizador ser um projeto que irá salvar as almas dos africanos, seja a patriota Dona Deolinda, entusiasmada com as articulações missionárias, alega servir a Deus e à pátria ao mesmo tempo, se comparando aos heróis da pátria que tinham andado “por mares nunca dantes navegados”, reafirmando seu ego.

Em um lugar que não é seu, movido por questões econômicas, o branco transforma a terra em colônia, um lugar que, segundo Memmi (2007, p. 41), ele realiza “duas aquisições em uma, nos momentos que descobre a existência do colonizado e o seu próprio privilégio.” Em suma, a colônia é tida como espaço da praticidade, de onde era tudo mais fácil e frutuoso, ela se define como lugar em que se ganha mais e gasta-se menos. Essa facilidade existia porque era imposto aos nativos o seu trabalho, ao mesmo tempo que eram arrancadas a sua civilidade, o seu valor enquanto ser humano e sua cultura.

A imposição dos costumes do branco aos autóctones se intencionava em contribuir à ascensão do propósito primordial dos colonizadores na colônia: dominá-la, sob a prática da violência, de modo a expandir seu império e sua religião, ao mesmo tempo que destrói a humanidade africana, tirando seus bens mais valiosos. Fanon (1968, p. 29-30) questiona a discrepância incoerente de valores entre esses dois protagonistas do drama colonial: “o servo é de essência diferente da do cavalheiro, mas uma referência ao direito divino é necessária para legitimar essa diferença estatutária”. Desse modo, fundamentado em uma base de valores religiosos e patrióticos, a força colonial, sem medir esforços, gera um de seus grandes projetos: a criação de instituições para a disseminação do catolicismo, da língua portuguesa aos pequenos e grandes nativos.

As brancas Dona Linda e sua amiga Maria da Glória planejam a criação de escolas para os indígenas: “claro que vamos formar o número que acharmos razoável. Esses depois vão formar outros... e assim sucessivamente. Vai ser como uma bola de neve, com a vantagem de que vamos poder controlar seu tamanho e velocidade a cada momento.” (SILA, 2006, p. 58).

Para Memmi (2007, p. 165), a assimilação, em suas esmagadoras vezes, “se revelou impossível.” Também porque nos casos que um autóctone se provoca a ser um assimilado, ele se cansa do alto preço que precisa pagar, e o drama quando compreende que tomou para si a responsabilidade pelas acusações e condenações do colonizador, olhar para seus semelhantes, agora, com o olhar de procurador. A negação de si mesmo, da única coisa que não é emprestada, seria um desafio lutar pela sua liberdade enquanto ele se agride. A assimilação se trata de um infortúnio histórico deplorável, que só faria sentido “se atingisse todo o povo”, ou seja, se “toda condição colonial fosse modificada.” (MEMMI, 2007, p. 168)

A ineficácia da assimilação nos jugos coloniais na história pode ser exemplificada também pela Casa dos Estudantes do Império – CEI, desenvolvida pelo poder imperialista, de 1944 a 1965, a Casa foi “espaço-tempo de consciencialização dos estudantes africanos” e “lhes permitiu a percepção de que estavam irmanados numa mesma causa contra um opressor comum” (Mata, 2005, p. 10). Com o objetivo de fortalecer os valores brancos, sob instituição estatal de imposição aos intelectuais colonizados, se mostrou ineficaz:

A história que se seguiu foi a transformação da Casa num espaço com uma dinâmica aglutinadora de solidariedades individuais, grupais e intelectuais para além de cumplicidades sedimentadas por afectividades ideológicas e culturais. (MATA, 2005, p. 8).

A CEI serve, ao se relacionar à resistência explanada no romance em estudo e aos postulados de Albert Memmi (2007), como metáfora das sociedades coloniais que combateram o jugo colonial, sobressaindo o ativismo cultural ideológico dos autóctones. Em *A Última Tragédia*, os esforços coloniais também não obterão êxito, tendo em vista a forte conscientização de suas subalternidades e da grande massa da população autóctone nos espaços colonizados.

No momento da efetivação da criação da escola em Bissau, emerge o personagem Professor, negro assimilado que goza de seus privilégios na cidade, atuante na escola fundada pelos brancos patriotas. Torna-se parceiro de Bsum Nanki, o régulo de Quinhamel, na escrita de seu testamento, documento que resguarda os valores autóctones que se encontravam silenciados: “essa coisa de uma pessoa ir mandar na terra de outras pessoas não me agrada, não estou de acordo.” (Sila, 2006, p. 116). O assimilado senta com o velho sábio para estruturar o testamento e o plano para combater as imposições dos colonizadores.

O professor faz jus à resistência enquanto negro e sofre suas consequências, se integrando ao jogo de tragédias protagonizado por Ndani, sua amada, após se mudarem para a cidade de Catió. Culturalmente, aos domingos, há jogos de futebol na cidade e conseqüentemente, há a separação das equipes dos brancos e mestiços, funcionários, comerciantes e alguns assimilados, esses compunham a equipa *Casados*, enquanto os pretos, independentemente da idade ou do número de filhos e outros assimilados atuavam na equipa *Solteiros*. O Professor, depois de conhecer melhor os atletas, “estava convicto de que era uma forma de discriminação, embora muito sutil” (SILA, 2006, p. 154).

Durante a recepção do novo Administrador na cidade, o Professor foi convocado pelo time dos *Casados* a jogar futebol contra o time dos *Solteiros*, fazendo com que abrisse mão dessa aliança, acabando por jogar no time dos autóctones, no qual o contempla. Esses dois times de futebol em ação se constituem como alegorias que remetem à exclusão recíproca entre os polos do branco e do negro, comportando-se como metáfora que representa as lutas coloniais entre os dois opostos. Essa ocasião demarca a grande força dos negros no combate, e a fraude dos colonos para vencê-lo, por fim, paira a desordem na qual o leva ao jogo de tragédias.

As situações expostas no enredo em relação ao Professor casam com a total desordem das lutas coloniais de libertação e da insuficiência do posto de assimilado: “um homem dividido entre duas culturas raramente encontra o equilíbrio, de fato, e o colonizado nem sempre encontra o *tom* justo.” (Memmi, 2007, p. 166). Dessa maneira, o assimilado não goza de direitos que asseguram sua integridade física e moral em combate, e, no pensamento do colonizador, ele ainda é um mero negro que merece ser castigado por sua postura infeliz diante de sua revolta. Esse pensamento e outros demarcam mais um aspecto da exclusão natural do mundo colonial.

A firmeza na ação do sujeito, no caso, o Professor, que foi arrancado de si mesmo é autodestrutiva, a partir do momento em que não consegue se acostumar com seus privilégios e direitos surrupiadados pelo poder colonial. Essas mazelas dirigidas ao autóctone, isto é, ao Professor, fundam a opressão apenas pela sua existência. A revolução dele se dá pela sua recusa absoluta, o que assegura sua resistência às

situações coloniais, a partir do que foi planejada pelos europeus a estratégia de separar para melhor governar.

3- Da Resistência do Colonizado

Segundo Fanon (1968, p. 39), a primeira coisa que o colonizado aprende é a ficar no seu lugar e não ultrapassar os limites. A única possibilidade de se libertar é nos sonhos: “durante a colonização, o colonizado não cessa de se libertar entre nove horas da noite e seis horas da manhã” (Fanon, 1968, p. 39); por isso “seus sonhos são musculares”, sonhos agressivos e de ação, aqueles que ele dá gargalhadas, que não é pego pelos colonos em suas fugas.

No entanto, essa agressão contra o colonizador fundamentada nos músculos pelos sonhos, por outro lado, pode se relacionar à violência entre os próprios colonizados pela tradição, eles brigam entre si e os policiais. O que pode exemplificar esses conflitos, no romance, é a fuga de Ndani de sua tabanca em Biombo, por causa de uma perseguição pela comunidade por causa da profecia de um *djambakus*, que afirmava que no corpo da jovem havia uma maldição. Essa rejeição lhe causou negação em sua própria tabanca:

No fundo, toda a gente devia ter recebido com alegria a notícia da sua partida. Todos, excepto a madrasta mais nova, talvez a única pessoa na sua tabanca que a encarava e tratava como uma rapariga normal. Os restantes, bem ou mal, arranjavam sempre um pretexto para evitar sua companhia. À medida que crescia, mais sentia o peso dessa rejeição, mais insuportável se tornava a discriminação. (SILA, 2006, p. 27).

Ao não suportar o peso dessa rejeição, ela sai da tabanca mesmo se sentindo injustiçada, não reconhece nenhuma culpa pela acusação. Essa não culpabilidade pode ser representada pelas dúvidas do narrador observador que se mostram durante a construção da narrativa: “Será que o *djambakus* tinha razão na sua profecia? Onde é que vinha esse maldito espírito que habitara o seu corpo sem lhe dar satisfações? Por que escolhera exactamente a sua pessoa quando havia tanta gente?” (SILA, 2006, p. 27).

Enquanto Ndani se encontrava fragilizada no processo de exclusão, dúvidas diante de sua suposta maldição pairavam por toda sua trajetória. Também em sua chegada à Bissau, na qual foi agredida pela mulher branca que regava seu jardim. Esse primeiro fato da narrativa consistiu em mais um fato de exclusão. Pensando consigo, ela reflete sobre a possibilidade de uma jovem branca estar no seu lugar e se os brancos iriam ignorá-la como fizeram com ela, e concluiu que a vida do branco e a do negro estabelecem uma discrepância, seja pelos costumes, ética e pela instrução. No pensamento do colonizador, o branco tem, já o negro, não, e nem deveria gozar disso, ele pensa: “o indígena é declarado impermeável à ética, ausência de valores, como também negação de valores. É, ousemos confessá-lo, o inimigo dos valores.” (FANON, 1968, p. 31).

A partir da conscientização de seu posto de colonizada, Ndani se mantém esperançosa em ser recebida pela Dona Deolinda. Sua resistência se manifesta nesse aspecto. Segundo Memmi (2007, p. 161), há, em todo colonizado, uma exigência fundamental de mudança. Não é possível que depois de uma série de infortúnios sofridos pelo negro ele se resignaria. Ndani mantém o sentimento de esperança desde seus infortúnios em Biombo, lugar de sua tabanca: “a esperança estava em tudo quanto ela fazia, de dia ou de noite, de pé ou deitada. Quem não quisesse acreditar, só podia ser completamente cego ou muito invejoso. Ou então alguém que nunca perdeu a esperança...” (SILA, 2006, p. 121).

Esse sentimento de esperança da mulher colonizada é notório desde quando ela parte para Bissau em busca de melhores condições de vida, no momento em que “não hesitou em sair à sua descoberta” (Sila, 2006, p. 27). Já na capital, quando não se satisfaz pelos “nãos” recebidos da colonizadora Dona Deolinda que a ignorava juntamente de seu marido que a aconselhava recebê-la, Ndani “tinha os olhos postos no casal que se afastava. Chegou a crer em um desfecho favorável” (SILA, 2006, p. 29).

Outro dos principais personagens símbolos de resistência é o régulo Bsum Nanki. Embora ele seja analfabeto, dispõe de sabedoria para toda a comunidade. Ele quebra imposições dos brancos na administração da sua Tabanca, que iam de encontro a sua decisão em possuir conselheiros:

Quando tomou o couro, foi uma das primeiras coisas que fez. Arranjou três Homens-Grandes e pô-lo perto de si. Era gente que conhecia há muito tempo, muito honesta, séria, pessoas que não gostavam de tafal-tafal⁸. Disse que eram seus Conselheiros, coisa que causou confusão em toda a tabanca. (SILA, 2006, p. 67).

A resistência do régulo ilustrada pela permanência dos conselheiros serve como resposta às imposições do branco, como exemplo: “o chefe achou o seu nome de Bsum feio, dizia Betume e ria. Outro dizia Estrume e ria ainda mais. Ria sempre que o via. Sempre a chamá-lo de Betume ou Estrume, que afinal era a mesma coisa que cocó de vaca.” (Sila, 2006, p. 79). Outra faceta da violência que necessita de resistência dos colonizados se dá pelo julgamento de seu nome que se torna objeto de negação e ridicularização: Essa negação da identidade indígena demonstra que, embora o régulo tenha privilégios na tabanca de Quinhamel pelo seu alto posto, como exemplo sua isenção de impostos e pelo seu alto respeito pelos seus semelhantes, se faz uma linha tênue entre sua identidade indígena e sua autoridade. Isto é, caso o régulo pagasse impostos, ele seria um indígena qualquer: “pagando imposto, passaria a ser um indígena normal como qualquer outro.” (SILA, 2006, p. 76).

O régulo sofre do escárnio, a partir da distância que há entre sua cultura e a do branco, nesse caso, fundamentada pelo nome, um dos símbolos de sua identidade. Os versos do poema do moçambicano José Craveirinha ilustram a identidade africana fundamentada no nome: “O sangue dos nomes é o sangue dos homens. / Suga-o também se és capaz, / tu que não os amas.” (Craveirinha, 1963, p. 30). A

⁸ Práticas de trapaça e de má-fé.

partir do poema, podemos refletir sobre a violência contra o nome dos autóctones, que se dá, de maneira mais violenta, à Ndani, quando ela sofre o julgamento e tem seu nome alterado para Daniela. Cabe, como no pequeno poema, o desafio da aceitação da identidade negra, algo que não foi feito pela colonizadora Dona Deolinda, quando renomeou Ndani.

Os personagens Professor e Ndani têm seus nomes apagados ou alterados. O primeiro aparece no romance com seu nome apagado, permanecendo o título de sua profissão para designá-lo, enquanto a segunda tem seu nome modificado pela colonizadora. Em síntese, os nomes dos autóctones caricaturados distanciaram-se ainda mais da cultura idealizada como a superior. No caso de Ndani, o narrador observador do romance se mantém a par de sua identidade quando persiste em referir a colonizada pelo seu verdadeiro nome, Ndani, e não Daniela.

Memmi (2007) afirma que o colonizado era objetificado, o exemplo é o homem branco comparar a identidade do régulo a cocô de vaca. Esse retrato-acusação o levava a sofrer também a sexualização do seu corpo, seja seu corpo negro ou negra, o que acontece na narrativa com o cozinheiro colonizado e a branca Dona Lili: “Dona Lili andava a espreitar o cozinheiro sempre que este ia tomar banho no anexo.” (Sila, 2006, p. 50). Antoninho, o funcionário cozinheiro de respeito, resistia às tentações para não se prejudicar, pois ter relações sexuais com mulher de branco seria fatal para sua integridade, e até mesmo para sua vida, mas a partir de um certo momento não mais resistia: “era truque da mulher. Antoninho já esperava. Naquele dia aconteceu o caso. Foi a primeira vez. Depois aconteceu mais vezes – quase todos os dias – e Antoninho pensou que devia parar.” (Sila, 2006, p. 51). Assim, a relação se integra aos casos omissos, ou seja, aquilo que a colonização não assumia como fato, a relação entre homens negros e mulheres brancas.

A sexualização, de forma ainda mais violenta, aconteceu com Ndani, ao ser atacada pelo marido de Dona Linda, o Sr. Leitão:

... regressou à casa antes da hora habitual e ouviu gemidos no quarto da criada. Não foi necessário entrar no quarto, soube logo o que tinha acontecido. O que não soube foi o que dizer ao marido, que naquele preciso momento abandonava o quarto da criada com o rosto a sangrar de arranhões, a camisa aberta, as calças desabotoadas, os pés descalços. (SILÁ, 2006, p. 66)

Diante de fatos repugnantes como esses, revelam-se não somente a exclusão dos subalternos, mas a destruição de qualquer possibilidade de subjetividade diante dos poderes dos colonos, seja em alto grau ou baixo. Esses fatos particulares demarcam mais uma situação perturbadora que necessita de resistência por parte dos colonizados, uma vez que eles perdem sua integridade física e moral. Para Chaves (2000, p. 249), “a postura invasiva do europeu estabelece uma incompatibilidade que só é revertida pela força da transformação que a resistência assegura.”

Vejamos a agressão da criada ao Sr. Leitão, originada de sua revolta ao ser estuprada, vítima do vício do colonizador em abusar de criadas (momento que abandonava o quarto da criada com o rosto a sangrar de arranhões, a camisa aberta, as calças desabotoadas, os pés descalços.). E também o discernimento de

Antoninho em resistir, em dados momentos, às artimanhas de Dona Lili. Esse último se caracteriza também como violência, pois, caso as práticas dos sexos frequentes fossem descobertos, quem sofreria mais seria o negro.

Como já expomos, o personagem Bsum Nanki é uma das imagens da resistência e sabedoria no romance, que pregava a resistência sem violência: “uma pessoa não pode mandar na base da força” (Sila, 2006, p. 114). Dentre tantos outros atritos entre ele e os brancos que lhe causavam revolta diante de sua sabedoria, o régulo defende a necessidade de o negro praticar o ato de pensar, ato indispensável para romper com o imperialismo português na tabanca. De acordo com Fanon (1968, p. 47), a não-violência é uma tentativa de equacionar o problema colonial, de forma dialogada, antes de qualquer atitude irreversível.

A princípio, essa não-violência foi a utilizada pelos colonizados para romper com o imperialismo em suas terras, tendo em vista suas submissões. Um exemplo dessa tentativa não violenta foi a literatura como recurso de glorificação da nação, ao mesmo tempo que denunciavam as imposições dos brancos. Rita Chaves (2000, p. 253) comenta sobre o poder dessas escritas: “Nesse quadro, a escrita projeta-se como principal veículo de denúncia de uma situação injusta e injustificada para as suas vítimas.”.

A população colonizada tentou resistir com inteligência. Na narrativa, um branco questionou a isenção de pagamento de impostos do régulo Bsum Nanki, ameaçando tirar esse seu direito, Bsum resolve planejar uma emboscada contra o branco: “começou a montar um plano, todos os dias pensava no assunto antes de dormir e depois antes de se levantar. A única coisa que aparecia na cabeça era matar o homem.” (Sila, 2006, p. 77). Embora passasse pela cabeça do régulo em matar o homem, o plano não se concretizou.

Juntamente com um plano contra os brancos, o velho sábio começa seus trabalhos na construção de seu testamento, documento que regulariza leis para os futuros régulos da tabanca e que objetiva a mudança dos maus costumes no espaço. Bsum não se utiliza de armas, e sim a manifestação de suas vontades para que seus sucessores pratiquem, após sua morte: “... é um plano de como tirar os brancos a mandar nesta terra. Não! Não é matar ninguém. Não é matar nem expulsar ninguém. É só pôr os brancos no seu lugar.” (SILA, 2006, p. 116).

Por mais que matar o homem branco que o ameaçou fosse sua maior vontade no momento de sua revolta, o régulo se mostrava apaziguador através do seu testamento:

O régulo tinha dito que não queria ver ninguém morto, nem sequer expulso; queria somente justiça. Queria que as pessoas vivessem em paz, em harmonia, onde quer que estivessem, qualquer que fosse a cor da sua pele. Isso era amor pelo semelhante, pelo próximo. (SILA, 2006, p. 142).

Essa não-violência praticada pelo régulo, pouco tempo antes de sua morte natural, demonstra uma tentativa de apaziguamento na ruptura de um processo violento. Essa intenção do velho vai de encontro com a realidade que a história nos mostra:

“a descolonização, que se propõe mudar a ordem do mundo, é, está visto, um programa de desordem absoluta.” (FANON, 1968, p. 26).

Em Memmi (2007, p. 173), a reivindicação colonizada assume uma figura diferencial e voltada para si mesma, é condicionada pela situação colonial e pelas imposições colonizadoras. Ndani, ao conversar com o Professor sobre o testamento que ele escreveu juntamente com Bsum Nanki, reivindica uma mudança perante as forças tradicionais que a objetificaram, seu casamento forçado com o régulo: “então escreve aí que o casamento forçado deve ser abolido. Acabar com o casamento forçado e o casamento fingido. Casamento, só quando as pessoas se amam...” (Sila, 2006, p. 128). Como se vê, o régulo, por outro lado, era tradicional em adotar o casamento forçado, à poligamia, tendo Ndani como sua sexta esposa e vinte e cinco filhos.

Enquanto Bsum Nanki e Ndani resistem às imposições brancas, Professor vai em busca de sua retomada de valores e tradições. Essa retomada consiste na autoafirmação dos colonizados, acompanhada pela reivindicação, a retomada de si, de seus valores e de suas crenças. Ela também se manifesta, principalmente, na evolução do personagem:

Falaram-lhe das coisas do céu, quando ele queria ouvir sobre as coisas da terra; falaram-lhe do passado, quando as preocupações eram o futuro; falaram-lhe das coisas que aconteceram em lugares longínquos e sagrados, quando o seu problema era local e profano. (SILA, 2006, p. 152).

O caso do personagem Professor assegura uma posição que viria a ser tomada nacionalista, uma vez que vai ao encontro não apenas de sua redescoberta, mas também a de seu povo. Qualquer que seja o preço que ele irá pagar, pela sua posição, o levará ao passo da negatividade, atributo concedido a ele, a todo momento, pelo colonizador. A negatividade real é associada ao retrato do colonizado como mítico (Memmi, 2007, p. 118), tanto pelo racismo, o que o convém julgar o colonizado para que ele se glorifique, quanto à revolta do negro mediante a pura violência.

No momento de combate entre o Professor e o Administrador Cabrita após as partidas de futebol, o assimilado adota uma postura que é típica do colonizador, e não adequada a ele. Nesse sentido, o Professor em revolta se assume e se quer como negatividade: “Essa negatividade, ao se tornar um elemento essencial de sua retomada de si mesmo e de seu combate, por ele será afirmada e glorificada até o absoluto. Não apenas ele aceita suas rugas e chagas como vai proclamar que são belas.” (MEMMI, 2007, p. 179).

O personagem assimilado Professor, juntamente com Bsum Nanki e Ndani, se encontrou cercado pelas imposições dos homens brancos. Em Catió, em busca de uma nova vida com a amada e seus filhos, no festejo de boas-vindas ao novo Administrador, é incentivado por Ndani a jogar o tradicional futebol de todos os domingos para representar os brancos e assimilados em campo. O Professor protesta em jogar na equipe *solteiros*. Ele e seus colegas que iriam jogar foram os únicos a não serem cumprimentados pelo antigo e o novo Administrador, o que

também simboliza essa exclusão. Ao cumprimentarem os jogadores da equipa *Casados*: “Os dois pararam no local onde estava o último *casado*. Não quiseram avançar. Os *Solteiros* ficaram sem o aperto de mão do novo e do antigo Administrador. Disseram “um bom jogo de futebol para todos” e depois retiraram-se.” (SILA, 2006, p. 156).

Durante a segunda partida, na qual o time dos autóctones parecia mais numeroso em campo e que estava fazendo vários gols, a equipe dos homens brancos arma uma emboscada para deter o Professor. Além do árbitro ser parcial ao ignorar os dribles dos brancos, convocaram um jogador extra, tratava-se do filho mais velho do Administrador Cabrita, que estava ali apenas para driblar o assimilado em campo:

O Professor acabou por notar que o rapaz, que lhe seguia como uma sombra, rasteirava-o propositalmente. Por isso resolveu fugir dele, deixando de fintar e de demorar com a bola nos pés. Mas isso de nada serviu. O rapaz continuava a derrubá-lo, mesmo quando corria sem bola. Fê-lo duas vezes seguidas sem que o árbitro interviesse. Protestou e levou logo um cartão amarelo com promessa de expulsão da próxima vez. O árbitro disse que sabia o que tinha a fazer, não precisava de ensinamentos de ninguém e que protestos no campo não admitia. (SILA, 2006, p. 158).

Após essa sabotagem dos brancos aos autóctones e da bofetada que o Administrador Cabrita lhe deu após o Professor driblar seu filho, o autóctone se recorda de suas marcas psíquicas e físicas originadas da força do imperialismo, ao entrar em combate com o colonizador, no momento reativo, ele dispara: “vou matar este filho da puta!” (Sila, 2006, p. 159), e se lembra de seu pai Obem Ko, que também combateu as forças colonizadoras há anos:

Na sua memória surgiu como um relâmpago uma cena idêntica, passada há muitos anos atrás na sua tabanca natal. Um comerciante branco tinha acabado de esbofetear o seu pai. Viu a mão branca a aproximar-se outra vez do seu rosto. Sentiu algo crescer dentro de si. Não sabia se era uma onda de fúria ou um desejo de vingança. (SILA, 2006, p. 159).

No descompasso consigo mesmo, o Professor se encontra vítima da emboscada do branco, se comportando da maneira que o colonizador sempre lhe afirmou, como “negro assassino” (Sila, 2006, p. 171), “criminoso muito perigoso” (Sila, 2006, p. 172), porém: “em plena revolta, o colonizado continua a pensar, a sentir e a viver contra e, portanto, em relação ao colonizador e à colonização” (MEMMI, 2007, p. 180).

Nessa antítese contra o colonizador, o Professor, após o jogo de futebol, marca o ápice da resistência dos autóctones, no momento em que se utiliza de sua força. Esse combate sedimentado na força bruta foi o que restou da tentativa de romper com os mandos dos colonizadores, devido a morte do régulo, que tinha em seu plano maneiras de colocar o homem branco em seu lugar, sem violência.

4- A Síntese Colonial

Os fatos coloniais em volta de Ndani, do Régulo e do Professor, personagens principais da narrativa, os levam ao sentimento de distopia perante a despersonalização de suas identidades, de seu povo e de seus espaços já cindidos pelos invasores. Pode-se considerar inevitáveis os impulsos reativos dos subalternos a tais imposições. Essas reações se dariam porque “a revolta é a única saída para a situação colonial que não representa uma ilusão, e o colonizado descobre isso cedo ou tarde. Sua condição é absoluta e exige uma solução absoluta, uma ruptura e não um compromisso” (MEMMI, 2007, p. 169).

Os personagens da trama, embora sejam diminuídos, resistem de maneiras diversas às situações coloniais. Ndani descobre sua submissão mesmo antes de sua partida à Bissau, através dos ensinamentos de sua madrasta mais nova, que também tinha lhe ensinado algumas frases em língua portuguesa, e alertara sobre a realidade de submissão como colonizada, sofrendo os traumas típicos do jugo colonial. Já o Régulo se utiliza de sua sabedoria para contrapor aos mandos dos invasores, descartando as práticas violentas do colonizador. E, por fim, o Professor, que emerge na narrativa já imerso na cultura portuguesa, isto é, era um assimilado que trabalhava na escola idealizada pelas brancas Dona Deolinda e Maria da Glória movidas pelo fator religioso. Ele, por outro lado, descobre sua autoafirmação acompanhada de sua revolta contra o homem branco.

Essas três imagens na trama de Sila comportam-se como alegorias que ilustram as dissemelhantes faces da resistência. E, confirmando o que se percebe a total desordem como síntese, surge o choque entre as duas forças antagônicas já conhecidas no romance: o colonizador e sua opressão e o colonizado e sua resistência. São notórios a causa e o objetivo dessa desordem nos espaços da trama: a ânsia pela liberdade, juntamente ao trabalho de reconstrução da identidade nacional. A descolonização é “o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que extraem sua originalidade precisamente dessa espécie de substantificação que segrega e alimenta a situação colonial.” (FANON, 1968, p. 26).

O que pode explicar, no romance, a breve definição de Fanon é o combate entre o Professor e o Administrador Cabrita logo após as partidas do jogo de futebol durante a recepção do novo Administrador na cidade. Se considerarmos este jogo como uma metáfora das guerras de libertação, na qual eram protagonizadas por colonos e colonizados:

Não sabia se era uma onda de fúria ou um desejo de vingança. Reagiu com rapidez. Desviou todo o tronco para trás e viu a mão passar perto do seu nariz, assobiando. No instante seguinte era seu punho a embater nas bochechas do branco. Depois seguiu-se um outro golpe na face e outro ainda que fez sair um jorro de sangue do nariz e um grito agudo da boca do Administrador. A fúria e a revolta que sentia dentro de si impeliavam-no a desferir uma série de outros golpes. (SILA, 2006, p. 159).

Após ver que ia ser atingido pelas mãos brancas, o Professor reagiu antes do golpe do europeu. Sem o plano do régulo que era capaz de salvar vidas inocentes, Professor se integra às reivindicações dos povos colonizados que estavam

ganhando novas formas e dimensões. Em plena revolta, o Professor, no momento em que considera o colonizador como seu oposto, marca o presságio para as seguintes tragédias que irá sofrer com sua amada, Ndani, no momento em que luta contra o Administrador Cabrita. Esse fato o arrancará da terra da nova esperança, Catió. Somente uma pessoa, na cidade, cometeu um ato contra um administrador, e ele se chamava Mbunh Lambá, um *nghaye*⁹. Mesmo custando sua vida, o jovem agrediu o homem branco:

Primeiro, pegou no Administrador e pô-lo no chão. Com violência. A seguir, meteu o seu pé em cima da boca dele, daquela boca que o tinha insultado, chamado de ladrão sem vergonha. Depois, pegou-lhe o braço e partiu-o em dois sítios. Aquele braço onde estava a mão que lhe tinha dado duas bofetadas. Ele tinha avisado ao administrador rira-se e depois dera duas bofetadas no seu rosto. (SILA, 2006, p. 162).

Os comportamentos reativos dos dois personagens poderiam ser o resultado de anos de destituição, que o levou a sua recuperação no momento da retomada de si. Chaves (2000 p. 249) diz que “a recuperação integral do passado é inviável, e seu esquecimento total seria uma mutilação de sua identidade, embora esse esquecimento tenha se dado como forma de defesa e de integração no mundo.” Professor se recordou da luta de seu pai, Obem Ko, contra o sistema colonial naquelas terras, essa memória ligada à ancestralidade se confirma no momento de sua revolta, uma vez que foi sentida a necessidade de vingança contra o poder colonial.

A morte do régulo impossibilitou a efetivação do seu plano da não-violência contra a imposição branca na tabanca. O sonho que o Professor teve durante uma noite de sono mostrou um resultado de uma aplicação de outro plano completamente diferente do que o régulo dispôs:

Sonhos de guerra entre pretos e brancos. Guerra com muitos mortos de ambos os lados. Pessoas inocentes que não sabiam de nada eram mandadas para a guerra e morriam lá. Morriam ou então ficavam mutiladas, no corpo ou na alma; voltavam e não encontravam a família que tinham deixado, as mulheres que amavam, os filhos que cresciam... (SILA, 2006, p. 143).

Não seria ousadia afirmar que esse resultado do plano oposto ao do régulo foi o que se desempenhou, de fato, em Guiné-Bissau, no que tange as guerras de libertação da nação. É perceptível uma revolução dos autóctones no conjunto de cenas da narrativa, a partir do momento em que a morte do régulo representou a cessação da tentativa de apaziguamento contra as forças coloniais.

Para Chaves (2005, p. 249), no contexto colonial, é importante enfatizar que a incomunicabilidade entre colonizadores e colonizados foi reforçada pela sua face mais terrível, que se refletiu no reforço do afastamento entre eles. Nesse sentido, o

⁹ Jovem da etnia balanta que ainda não foi ao fanado, isto é, não iniciou sua vida adulta.

Professor, embora não tivesse sido o responsável pela morte do Administrador, foi, injustamente, condenado pelo ocorrido:

Mas era sobretudo muita gente que tinha vindo de Catió acompanhar Ndani e que sabia que o que os brancos estavam a dizer era tudo mentira, que aquele professor que tinham conhecidos em Catió, que nunca tinha tido problemas com ninguém, que mesmo o que acontecera no campo de futebol tinha sido culpa do Administrador. Toda a gente em Catió sabia o que o tinha vitimado. Mesmo a mulher dele sabia, o Secretário sabia, os guardas todos sabiam... (SILA, 2006, p. 172).

Mesmo com a ajuda do médico António Alexandre da Costa Oliveira e Bravo, integrante da comissão enviada a Catió para averiguar *in loco* o caso da morte do Administrador, na tentativa de inocentar o acusado, as forças a favor do Professor eram invisibilizadas pelos brancos, que o acusavam, a todo momento, de “traidor, porco, comunista e muitos outros nomes” (SILA, 2006, p. 174).

O negro não pôde gozar de seu *status* de assimilado, algo que, a priori, parecia ser uma garantia de sua sobrevivência e boa vida por onde estivesse e mediante o que fizesse. O Professor foi deportado para São Tomé, não mais retornando à vida de sua amada Ndani. Dentre outras evidências da falseta do processo de assimilação, a emboscada que o Professor foi vítima casa com os postulados de Albert Memmi e também de Rita Chaves, quando ela afirma que, “como "recompensa", oferecia-se a falácia de uma assimilação que jamais seria completa e nunca renderia o que o discurso oficial prometia.” (Chaves, 2000, p. 247).

Para Memmi (2007), o fato colonial é instável e seu equilíbrio é, a todo momento, ameaçado. Esse desequilíbrio do fato colonial se dá pelo tratamento desumano que é direcionado ao colonizado, o que, um dia, a sua recusa virá à tona. A recusa dessa subalternação pode ser representada pelas cenas do combate entre Professor e o Administrador Cabrita, o régulo Bsum Nanki em sua revolta após ser ameaçado por um homem branco e também em seu testamento, ou também pelo forte sentimento de esperança de Ndani em estar feliz nos espaços em que ela vivia. Diante dessas situações conflituosas que se mantêm como base das relações coloniais na obra, convém afirmar que essas relações se mantinham como instáveis:

Isso de luta entre raças foi sempre assim, é como luta de cachorros: agora um está embaixo, o outro em cima; depois o que estava em baixo vai para cima e o outro para baixo. O branco veio, tem que ir um dia. Ainda há de aparecer um preto com coragem para pensar nisso. (SILA, 2006, p. 101).

No jogo assimétrico entre os personagens principais autóctones da trama, se faz visível as suas recusas perante o imperialismo português. Salvo muitas vezes em que eles não puseram em prática o ato de pensar, o que era constantemente aconselhado pelo régulo. Mediante seus esforços de romper com os fatos coloniais, embora tudo parecesse estar perdido, o processo da retomada de si, de seus valores culturais próprios da terra, paulatinamente, se fez real na tabanca da escola em que Professor trabalhava:

À tarde não reconheciam o Professor. O seu rosto calmo e sereno foi substituído por desporto. Corriam e jogavam futebol todos os dias. O professor falava cada vez menos das coisas do céu. Os alunos pensaram que era uma situação passageira, sol de pouca dura, mas enganaram-se. As coisas da terra passaram a ter prioridade. Queria saber quando é que seria o próximo fanado; quem era o melhor tocador de tambor; quando é que seria o toca-tchur de fulano tal e tal. (SILA, 2006, p. 134,135).

Essa síntese consistiu em outra faceta da retomada de si exposta no romance. O momento germinante em que a comunidade se despertou das imposições coloniais que arrancavam o bem mais valioso do povo autóctone: sua identidade. É importante frisar que o abandono dos costumes brancos na cidade não se deu por pura mágica. Isso se decorreu da série de exclusões que foram contrapostas pela resistência dos colonizados.

O desapego da cultura hegemônica na escola e o fortalecimento das forças dos colonizados que exemplificam o enfraquecimento das forças coloniais também podem ser relacionados à CEI, provando que as forças dos autóctones se mostraram invencíveis. Sejam eles em suas terras ou exilados, sejam eles analfabetos ou intelectuais. É importante também enfatizar que o fato de, paulatinamente, os costumes brancos estarem se desprendendo do currículo da escola que o Professor trabalhava, essa mudança não garantiu a paz completa entre o colonizador e o colonizado, o que pode explicar as sucessivas tragédias entre o assimilado e os outros personagens autóctones.

A síntese, de uma dialética negativa neste caso, é o resultado da relação entre a opressão do colonizador e a resistência do colonizado. Dona Deolinda, seu marido Sr. Leitão, Chefe, Administrador Cabrita dentre outros colonizadores instalados em Bissau tentaram expandir o império português, atuando como tese, enquanto a presença colonizada, dada pelas personagens Ndani, Professor, Bsum Nanki dentre outros subalternos à autoridade se comportam como antítese ao jugo colonial como um desacordo. Essa antítese endurecida pelo colonizado instaurava uma barreira definitiva entre ele e seu colonizador. A partir da relação conflituosa entre esses opostos, se decorrem os fatos coloniais, sempre negativos. O que é explicado por Memmi (2007, p. 184) sobre a incomunicabilidade dos opostos: “esse ajuste não podia ocorrer porque era impossível. A colonização contemporânea trazia em si mesma sua própria contradição, que mais cedo ou mais tarde deveria fazê-la morrer.”

Em princípio, atraídos pelo poder econômico, os europeus fazem jus a essa contradição no momento que confirmaram sua dupla ilegitimidade nas terras de outrem. Enquanto os conflitos coloniais não cessaram em sua completude, casos singulares como o de Ndani começaram a pôr fim. O caso dela se constitui como exemplo da situação da mulher negra colonizada. Desde seus infortúnios em sua tabanca, em Biombo, até o momento em que perdera seu amado, ocasionando em sua última tragédia, que consistiu em seu súbito próximo à ponte-cais, na qual, anualmente, naquela mesma data da partida de seu amado, o esperava e conversava com ele sobre sua vida, seus filhos já adultos. Ndani revoltada ao ver a imagem do *djambakus* de Biombo aos redores da costa, ela

Sentiu um vento diferente a soprar, estava carregado de muita humidade. Num instante tinha toda a roupa molhada e a água começou a dançar à sua dança, num rimo absurdo que nem um kankran tchaskiado. O ambiente à sua volta tornou-se turvo. Virou a cabeça para um lado e para o outro, mas descobriu que o cenário era sempre o mesmo. A água exibia a sua estranha dança e não deixava ver outra coisa. Abriu a boca e chupou uma boa quantidade. Começou então a ouvir uma melodia desconhecida, uma mistura de sons agudos que chegavam de todos os lados, fazendo vibrar as mãos e os pés sem parar. O ambiente tornava-se cada vez mais turvo, a água à sua volta dançando a um ritmo frenético. (SILA, 2006, p. 183)

Diante desse fato inesperado, se faz real a última tragédia de Ndani, que, se integrando ao conjunto de tragédias que os autóctones, material e espiritualmente foram mortos pela colonização. Para Memmi (2007, p. 190), o colonizado que não sofrer mais tudo o que foi descrito e argumentado até aqui, deixará de ser colonizado, torna-se *outro*. Embora ainda haja tradições hegemônicas que possam separar indivíduos na contemporaneidade, não se pode negar as dimensões conquistadas pelos autóctones africanos que lhes fizeram gozar de sua liberdade, finalmente.

5- Considerações Finais

Historicamente, a dialética negativa da exclusão foi marcada pelo processo de pura violência dos europeus e aos povos colonizados, principal dicotomia estudada. O colonizador, ao chegar nas terras africanas dispõe de inúmeros privilégios e nas suas relações com o colonizado o diminui e o segrega. Essas atitudes do colonizador para com o colonizado fundamentam o jugo colonial, e são elementos intrínsecos à natureza da colonização.

Procuramos explicar como o “retrato-acusação”, a segregação, a assimilação dentre outros constituintes ocuparam o cerne da colonização. Ligando esses problemas à posição do colonizado e sua identidade, resistência e a ancestralidade do seu povo, emergem sínteses próprias da colonização, sempre negativas.

A análise das relações coloniais no romance *A Última Tragédia* possibilitou demonstrar a injustiça da corriqueira imposição violenta dos colonizadores para com os colonizados. Exemplo disso é a atitude hipócrita dos colonos de julgar os colonizados como indivíduos inimigos da ética, quando, na verdade, essa designação se origina de suas próprias imposições que despersonalizam, objetificam e sexualizam ainda mais a população autóctone. Atitudes como essas espalhadas nas diversas situações coloniais e representadas nos espaços da narrativa mostram as ideologias ocidentais que perduraram como dominantes à custa da identidade e subjetividade de outros povos, neste caso, a guineense. Nessa relação de valores negativos, o colonizado se mantém como antítese às imposições dos colonizadores, por meio de sua resistência.

Tendo em vista que o processo da colonização se originou pela invasão dos europeus nas terras alheias, no roubo do espaço e da cultura do *outro*, a resposta às

imposições coloniais foi a resistência com atitudes reativas do colonizado. Além do contínuo sentimento de esperança, exemplificado na personagem Ndani, o ato de resistir com base em estratégias de inteligência mostrado pelo régulo Bsum Nanki, que não teve êxito, restando a futura luta armada como opção para a liberdade, representada pelo Professor.

A relevância do estudo de uma nação pelo viés literário se dá para melhor compreendermos o processo social de um modo geral e o colonial que perdurou por centenas de anos na Guiné-Bissau, através da escrita literária, e reconhecermos as lutas que ocorreram na ânsia de uma nação democrática e de valores da própria população guineense. O romance estudado apresentou partes dessa complexidade que foi o processo colonialista e contribui para a análise das relações coloniais em Guiné-Bissau, a partir das principais mazelas sociais que perduraram durante o colonialismo. Como o enredo mostrou, a revolução dos colonizados na busca do objetivo comum, ou seja, a libertação do país, se sobressaiu no jogo de uma dialética negativa. Embora se reconheça que há muito o que lutar, a autonomia político-cultural dessa nação ganha força no que tange sua reafirmação e recuperação dos valores corrompidos durante as centenas de anos de invasão.

Referências Bibliográficas

AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escombro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUAIGA, Joel Victor. **Um Olhar Literário Sobre a Libertação da Guiné-Bissau: A Última Tragédia (1995) de Abdulai Sila**. Redenção: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. 2015.

CHAVES, Rita. **O Passado Presente na Literatura Angolana**. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2000.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: O Lugar das Diferenças nas Identidades em Processo**. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2005.

CRAVEIRINHA, José. **Chigubo**. Lisboa: Coleção de Autores Ultramarinos. 1963.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968.

FERREIRA, Manuel. **Dependência e Individualidade nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Belo Horizonte: VII Encontro Nacional de Professores Brasileiros Literatura Portuguesa. 1979.

KONDER, Leandro. **O Que É Dialética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MATA, Inocência. **A Casa dos Estudantes do Império e o Lugar da Literatura na Consciencialização Política**. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa. 2015

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.

SAID, Edward. **Orientalism**. Estados Unidos: Pantheon Books. 2003

SILA, Abdulai. **A Última Tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.